

Floriano de Lemos e a educação brasileira via jornais (1906-1965)

Raquel Discini de Campos *

Resumo: O presente artigo apresenta considerações preliminares acerca da atuação do intelectual Floriano de Lemos na imprensa brasileira e é resultado de pesquisa ainda em fase inicial. Homem de “belo espírito”, Floriano versou em impressos de pequena ou grande circulação sobre os mais variados temas, dos mundanos aos científicos, dos pedagógicos aos literários. Destaca-se que se buscará analisar o indivíduo Floriano de Lemos não apenas buscando a sua singularidade, mas, sobretudo, esquadrinhando o que sua trajetória e escritos nos revelam sobre um tempo (a primeira metade do século XX); uma cultura e um grupo social (os intelectuais que atuaram fora dos grandes centros, suas intenções educativas e suas redes de sociabilidade) e um espaço em inexorável transformação (o interior do país).

Palavras-chave: intelectuais da educação; imprensa e educação; história da educação.

Résumé: Cet article présente des considerations préliminaires à propos l’actuation de l’intellectuel Floriano de Lemos dans la presse brésilienne et est produit du recherche en phase préalable. Un homme de beau sprit, il a écrit dans les journaux de petit où grand circulation sur thèmes divers, des mondaines aux scientifiques; des pédagogiques aux littéraires. On degage qu’on ne cherchera pas analyser seulement la personne Floriano de Lemos, mais surtout découvrir comme sa trajectoire et ses écrits nous révèlent sur un temps (les premières décennies du siècle XX); une culture et un groupe social (les intellectuelles qui habitaient dehors les grands villes et leurs réseaux de socialisation); et un espace dans une irréversible transformation (l’intérieur du pays).

Mots-clé: intellectuelles de l’éducation; presse et éducation; histoire de l’éducation.

Uma parcela significativa dos intelectuais brasileiros dos séculos XIX e XX refletiu insistentemente sobre a nação brasileira, buscando compreender suas particularidades étnicas e culturais, diagnosticar seus problemas e desvelar soluções para o aparente atraso do Brasil em relação aos países europeus e aos Estados Unidos. Buscaram, acima de tudo, educar a população por meio da disseminação de determinados valores veiculados metodicamente na imprensa, considerada naqueles tempos um dos mais eficientes instrumentos para a educação das massas.

A esse respeito ressalta-se que só muito recentemente historiadores da educação vêm mapeando a atuação dos chamados “intelectuais” entendendo-os não apenas como indivíduos ligados diretamente à educação escolar ou como personagens produtores de grandes teorias pedagógicas, mas como “produtores culturais que se investem de responsabilidades na vida

* Doutora (Unesp-Araraquara/SP). Docente da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Apresentação do trabalho financiada pela FAPEMIG.

social”, que se apresentaram historicamente como “tutores da verdade e da objetividade, expoentes das respectivas especializações” e como “depositários dos valores culturais universais” (KUHLMANN, 2007, P.109).

O intelectual da educação é percebido, portanto, como um “homem do cultural” que se articula a grupos e que na maioria das vezes utiliza a escrita – sobretudo a escrita na imprensa de pequena ou grande circulação – como principal canal de expressão de suas idéias e como ferramenta de convencimento *do outro*. Nas palavras de Bontempi (2007, p.81) o “qualificativo intelectual não adere apenas aos grandes pensadores” e sua utilização também impede

o isolamento do intelectual nos limites de sua atividade profissional, abrindo espaço para investigações que admitam a interferência de aspectos a ela externos e que reconheçam o pertencimento dos mesmos a coletivos intelectuais, redes de sociabilidade que envolvem afetividade, reconhecimento, rivalidade, e em que se compartilham identidades que, eventualmente, podem dar origem a manifestações públicas de natureza política, mas que quase sempre oferecem ao historiador os contornos que cada geração intelectual dá aos diversos produtos culturais com que se encontra diretamente envolvida, sejam eles obras, linhas editoriais, entidades associativas, disciplinas ou currículos.

No que concerne às primeiras décadas do século XX, a imprensa se tornou ao mesmo tempo um veículo para a educação do “povo”, mas, também um espaço privilegiado para que determinados grupos sociais educassem igualmente a *si mesmos* ao encetarem polêmicas e criarem consensos em torno de uma enorme variedade de assuntos. Era por intermédio das páginas impressas, o grande palco da vida pública do período, que tais grupos ganhavam força e visibilidade porque simplesmente passavam a “existir” (LUCA, 1996; CRUZ, 2000).

Miceli (2001, p.17), indica a esse respeito que “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais”. Assim, era preferencialmente este veículo o espaço privilegiado para a exposição dos problemas, apresentação das soluções, criação e difusão dos padrões entendidos como corretos para o Brasil, já que se concebia o jornalismo como *locus* privilegiado para que os homens, e algumas mulheres de então, refletissem sobre os assuntos da realidade nacional, todos eles ligados de forma direta ou indireta à modernização do país.

Uma modernização que era entendida como sinônimo não apenas de acesso da população à educação formal – por intermédio das escolas de todos os níveis que passaram a ser pleiteadas por muitos como forma de superação do aparente descompasso do Brasil em relação às demais nações – mas de ascensão evolutiva rumo à civilização européia, aos

progressos do capitalismo, às certezas da ciência, da técnica, da razão, da higiene e da ordem; ao cultivo das ideologias do branqueamento e do nacionalismo, dentre outros ideais hegemônicos no período.

No entanto, esses valores tidos à época como *civilizados* conviviam com uma realidade social menos pujante, certa e iluminada, e que era engendrada no interior daquele mesmo contexto. Tal realidade se traduzia nas doenças e no pauperismo que se alastravam entre os mais pobres, tanto nos campos quanto nas cidades, nas greves operárias que se multiplicavam e no recrudescimento da exploração capitalista que recaía principalmente sobre as mulheres e as crianças; no analfabetismo generalizado das massas e em inúmeros fenômenos distintos que marcaram a virada do século XIX para o século XX como um período ao mesmo tempo eufórico e amedrontador, conforme demonstraram Benjamim (1989; 2008); Bresciani (1982); Berman (1986) e outros em relação ao caso europeu.

No caso especificamente brasileiro, trata-se de um tempo onde as aparentes certezas que emanavam do campo da “sciencia” só faziam aumentar a busca – ou mesmo a falta – de sentido para a existência humana. Um mundo onde o aumento das distâncias econômicas, culturais e sociais entre uns e outros tomavam contornos jamais vistos e em que os valores do cristianismo começavam a ser inexoravelmente substituídos pelos valores do mercado, processo que só se intensificaria nas décadas seguintes (SEVCENKO, 1992; 2001; COSTA; SCWARCZ, 2000).

Tantas contradições, novidades, projetos, desejos e angústias eclodiam na imprensa e podem ser sintetizadas no seguinte problema que constituía, afinal, o pano de fundo de boa parte da produção cultural do período: quais os caminhos que se abriam para um país que de repente passava a pulsar no ritmo da velocidade dos carros e das locomotivas, da miscigenação irreversível, da abolição dos escravos, da República, dos imigrantes que chegavam de várias partes do mundo para ocupar os postos de trabalho recém-criados nas lavouras e nas cidades, do feminismo crescente, da movimentação urbana, dos prédios e dos arranha-céus?

Nesse contexto, os homens da cultura – cuja atuação na vida pública, além do jornalismo, freqüentemente esteve vinculada ao direito, à medicina, à arquitetura, à educação escolar e a outros campos – eram atravessados por uma auto-avaliação extremamente positiva relacionada aos seus supostos dotes de espírito e inteligência, e também por grande vontade de poder, real ou simbólico. Buscaram justificar suas obras e ações políticas a partir da confiança de que eram os portadores das respostas para os anseios da sociedade em geral, já

que criam ter a obrigação de cumprir uma missão civilizatória da qual eles não podiam se furtar. Luca (1996, p.7) indica a esse respeito que

Assim a elite intelectual tem se apresentado, em diferentes momentos, investida da missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar as suas linhas de força para o futuro. O credenciamento para a tarefa proviria de sua suposta qualificação para desvendar as regras de funcionamento do social e desse modo formular, a partir de dados e critérios objetivos, políticas de ação. Esse direito sempre lhe pareceu algo evidente e que dispensava qualquer tentativa de justificação.

Tal movimento cultural, tantas vezes contraditório em seus discursos e práticas sobre o que era julgado relevante no momento, obteve nas páginas da imprensa um verdadeiro difusor e recriador dos projetos e idéias que os grupos letrados entendiam como necessárias para o Brasil.

Mas não foi somente na imprensa, talvez o veículo de maior impacto social do período, que os intelectuais atuaram. São desses tempos as primeiras práticas sistematizadas voltadas à educação popular via rádio e cinema educativo, além dos grandes empreendimentos em torno da construção das escolas normais, públicas ou privadas Brasil afora. Nas primeiras décadas do século XX fortaleceu-se ainda o processo de disseminação dos grupos escolares republicanos, os novos “templos de civilização”, conforme expressão consagrada por Souza (1998), e também a discussão em torno da alfabetização de toda a população, independentemente do credo ou da classe social. Discutia-se o quê ensinar e como ensinar, quais os métodos e os conteúdos mais eficientes, a melhor maneira de educar o *gosto* da população, enfim, num grande movimento pela disseminação da educação escolar – e das maneiras ditas civilizadas – em nível nacional. (VIDAL, 2000; GREIVE, 2000).

As reformas sanitárias e urbanas levadas a cabo no período também buscavam ordenar e educar a população e, conseqüentemente, modernizar o Brasil. Conforme indicam as pesquisas dedicadas ao tema, as transformações ocorridas no espaço urbano, com a edificação de parques, praças, teatros, ruas largas, avenidas e prédios monumentais buscavam difundir o conjunto de valores e modelos que então se procurava disseminar, sobretudo via imprensa, como ideais para a construção de uma sociedade perfeita. Para Herschmann e Pereira (1994, p. 27)

A cidade, com sua organização físico-espacial, seus rituais de “progresso” – como nos casos das exposições nacionais e internacionais – passa a ter um caráter pedagógico. Torna-se símbolo por excelência de um tempo de aprendizagem, de internalização de modelos. Assim, quando estes especialistas-cientistas se propunham a reformar, a organizar, mesmo que em nível superficial, a esperança que tinham era de que essa projeção externa, pública, cidadina, pudesse atingir e orientar os indivíduos.

É nesse contexto peculiar da história brasileira – um período de inédita expansão capitalista, de crescimento desordenado das cidades, de desenfreada ocupação humana de trechos ainda intocados do interior do Brasil, de desenvolvimento da imprensa de todas as orientações ideológicas, destacadamente da imprensa liberal – que emergiu o multifacetado Floriano de Lemos: um viajante moderno e um importante jornalista; um professor atuante, além de médico, músico, poeta, literato e inspetor de ensino. Um intelectual com uma trajetória que merece ser contada não apenas por aquilo que ela tem de singular, mas, sobretudo, pelo que ela revela sobre um tempo, uma cultura, um grupo social e um espaço geográfico movediço, em permanente transformação.

1.1 Floriano de Lemos, um homem da cultura

Interessante notar o silêncio da historiografia em torno da figura de Floriano de Lemos, apesar da sua abundante e heterogênea produção intelectual e a despeito da sua trajetória expressiva como letrado em diferentes regiões do interior do país. A figura do “letrado”, aliás, surge no Brasil juntamente com o século XIX e não diz respeito apenas àqueles que dominavam saberes ligados à literatura, muito pelo contrário. O letrado era o homem educado formalmente num país cuja grande maioria dos cidadãos era de analfabetos; um indivíduo conhecedor de diferentes assuntos considerados eruditos, tais como a filosofia, a história, a música, a matemática, as ciências naturais e outros. Em função da apropriação e da capitalização desses saberes, tal personagem supostamente teria um espírito mais cultivado, mais civilizado do que a maioria, o que possibilitava o trânsito com desenvoltura pelos espaços de sociabilidade urbana que então nasciam tais como cafés, teatros, impressos, saraus etc (SEVCENKO, 1989).

Na verdade, além de “letrado” Floriano construiu uma consistente, porém errática, carreira de professor de todos os níveis de ensino: de grupos escolares e ginásios, de escolas técnicas e normais, e também das Faculdades de Medicina, Direito e Farmácia do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, respectivamente. Tornou-se também cronista do jornal *Correio da Manhã*, impresso fluminense de grande importância no cenário político e cultural na primeira metade do século XX, do qual foi redator e colaborador por toda a vida, substituindo o amigo Coelho Neto. Ainda fundou ou atuou em jornais e revistas de diversas localidades, escrevendo artigos científicos e mundanos nos impressos de São José do Rio Preto, SP; Caxambu, MG e Cuiabá, MT, lugares onde morou de maneira intermitente.

Ressalta-se o fato de que Floriano de Lemos foi um agente da imprensa brasileira justamente nos primórdios da configuração desse mercado jornalístico. A sua colaboração nos impressos de diferentes Estados era não apenas um instrumento de legitimação, distinção e poder político – estratégia utilizada pelos intelectuais de ontem e de hoje para consagração de si mesmos, para publicidade de suas vinculações ideológicas e de seus pares – mas também, ao que parece, uma importante fonte de renda.

Floriano ainda se aventurou pelo terreno da poesia, da música, da crônica, do conto e da literatura, além de ter atuado nos primórdios dos programas de rádio do Rio de Janeiro idealizando os programas *Rádio Infantil*, na Rádio Guanabara e *Hora Infantil*, na Rádio Sociedade, ambas no Distrito Federal. Foi também o responsável pelo conteúdo destinado às crianças veiculado na PRD-5, rádio do famoso Instituto de Educação daquela mesma localidade. Ainda ocupou cargos administrativos na Inspeção de Ensino do Rio de Janeiro e de Cuiabá, e atuou como membro influente nas sociedades médicas que ajudou a fundar ou a profissionalizar, num movimento compatível com a cultura de demarcação dos campos profissionais tão característico da primeira metade do século XX.

Ao mapear ainda que primariamente sua trajetória, marcada pelo inequívoco envolvimento nas diferentes atividades que se abriam aos letrados daqueles tempos, acredito que Floriano de Lemos pode ser caracterizado como um intelectual ao mesmo tempo anatóliano e moderno, conforme distinção clássica operada por Miceli (2001).

Ele usou a imprensa de grande e pequena circulação como tribuna para expressão de suas idéias e projetos, como espaço capital para a vulgarização e visibilidade não apenas dos conhecimentos relativos ao seu campo de origem – a Medicina – mas também como terreno para a discussão de inúmeros outros temas relativos a assuntos que iam da moda à eugenia, do cinema à lepra, da literatura ao feminismo, todos de alguma maneira convergindo para a temática da educação dos brasileiros, uma de suas maiores preocupações.

Ele atuou, portanto, de maneira indiferenciada no espaço cultural brasileiro da primeira metade do século XX, e justamente por isso pode ser identificado como um “letrado” ou como um “anatóliano polígrafo”. A respeito desse tipo de intelectual, Miceli (2001, p.54) afirma que se trata de

(...) um novo tipo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino primário etc.

No entanto, assim como tantos outros que atuaram na vida pública brasileira no período conhecido como “República Velha” (1889-1930), ele também passou “à vala comum sem direito a nome próprio” (MICELI, 2001, p. 16) após a consagração do primado da técnica e da especialização dos campos operada por aqueles que se auto-intitularam como modernos nas décadas posteriores.

Mas Floriano também pode ser considerado, contraditoriamente, um intelectual moderno, já que igualmente se articulou com seus pares, propugnando a diferenciação do campo médico em relação às outras áreas de saúde, fazendo o elogio da técnica e da especialização e engajando-se direta ou indiretamente em projetos políticos – traço marcante em sua trajetória que será mais bem desvelado ao longo da presente pesquisa.

É por isso que se pode afirmar, mesmo que preliminarmente, que Floriano de Lemos teve uma carreira pública que se construiu sobre dois pólos de atuação: um desempenho relativamente indiferenciado no campo cultural brasileiro, como médico, professor, literato, poeta etc; ao mesmo tempo em que elogiava o império das técnicas e dos especialistas, num comportamento típico dos intelectuais modernos, conforme demonstraram Miceli (2001) e Lahuerta (2002). Dentre tantos bons exemplos desse tipo de comportamento aparentemente incoerente que emergem da documentação em fase de mapeamento, pode-se citar o fato de ele ter sido um legítimo defensor do poder das plantas medicinais na cura de inúmeras doenças do povo brasileiro num momento em que esse tipo de prática era associada justamente aos saberes populares que seus pares buscavam combater, conforme demonstrou Gondra (2000).

Mas independentemente de ser classificado como anatoliano ou moderno, Floriano parece ter sido um educador/viajante que percorreu o Brasil com olhos curiosos – e que se aventurou pelos caminhos que se abriam num país que se agigantava e que se dava a conhecer em função principalmente da inédita expansão da economia capitalista verificada no período. Um homem que buscou abarcar o ineditismo dos trilhos, dos carros, do rádio, das revistas e jornais que repentinamente apareciam e que se multiplicavam de maneira jamais vista. Um tipo mais ou menos errante que a pesquisa que ora se inicia e de onde se originou o presente artigo pretende retirar da “vala comum” e atribuir “nome próprio”, ou seja: esquadrihar, contextualizar, analisar, dar sentido, enfim – o que significa reconstruir historicamente.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das letras, 1986.
- BONTEMPI, Bruno. **Roldão Lopes de Barros: um intelectual?** In: A educação e seus sujeitos na História. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: Educ, 2000.
- COSTA, Ângela Marques; SCHWARCZ Lilia Moritz. **1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- GONDRA, José. **Medicina, higiene e educação escolar**. In: FARIA FILHO, L. LOPES, E.M.T; VEIGA, C.G. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HERSCHMAN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KUHLMANN, Moisés. **Os intelectuais na educação da infância**. In: A educação e seus sujeitos na História. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.
- LAHUERTA, Milton. **Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização**. In: COSTA, W.P; LORENZO; H.C (orgs). A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Unesp, 2002.
- LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. Tese (Doutorado em História), USP, São Paulo, 1996.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Questão nacional na primeira república**. In: LORENZO, H.C; COSTA, W.P (orgs). A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Unesp, 1997.
- SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. **A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- VEIGA, C.G. **Educação estética para o povo**. In: FARIA FILHO, L. LOPES, E.M.T; VEIGA, C.G. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.